

O mundo sonoro, as cores, cheiros e asformas: Hermelindo Fiaminghi.

Luiz Gonzaga Guimarães Pinheiro é jornalista  
e-mail [lggp@superig.com.br](mailto:lggp@superig.com.br)

É verdade, Fiaminghi, o itálico, morreu. Com ele não foi sua alegria, suas enormes brigas, seus pratos pantagruélicos, seus risos e gargalhadas, a figura pra lá de simpática do "Barão", suas cores e suas formas. Também deixou saudades. E quantas!

Explicando Fiaminghi: em 1.968, durante a Primavera que acometeu São José dos Campos, com a criação de um órgão de cultura que – infelizmente – se tornou referência até hoje, precisávamos de um artista plástico que fosse professor, condutor e autor de uma obra incontestável. Foi por aí que Fiaminghi veio para cá, criando junto com todos o Atelier Livre de Artes Plásticas, onde, hoje é o Parque Santos Dumont.

Foi Luiz Eduardo de Carvalho, também morto, quem trouxe Hermelindo, suas explosões, seus amigos Ianelli, Volpi, Sacilloto, Lothar Charoux, para comoção nossa e grandes reuniões regradas a conversas intermináveis e algumas cachaças da mesma duração, terminando em macarronadas com chegada à mesa em hora não sabida, pra delírio dos famélicos e sossego de minha mãe, a doce "da Paulina", auxiliar do "chefe", que suava às bicas as branquinhas, loiras e os vinhos sem fim.

Houvesse uma reunião de chefes de estado na lua e o "Itálico", se chegasse, seria o centro de atenções, não se demorando em puxar o bigode de De Gaulle, se ele usasse esse instrumento das cócegas e alegria de uma época que Fiaminghi conservou, transformando-se em "Barão" e do Rio Branco, dando nome a bar, que ele frequentou a vida inteira, a vida inteira do bar. Bom de bar e de amigos, foi legenda no "Amigo Leo", um bar antológico, semeado em meio a putas e outros espécimes de igual relevância. Tinha mesa no "Johnn Senn", em Moema, onde sua confraria o elegia, toda noite, seu rei.

Dessa alegria sobrou o marido, pai, tio e filho e, agora, ficamos com a doce Mercedes e seus filhos e netos, todos magnetizados por ele. Aqui, ficamos Toledo, Luísa Irene, Luiz Erasmo, Wagner, Adilson, muitos outros e tantos que já nem sei enumerá-los.

Foi "concretista", mas rebelde, podendo ter sido também ilusionista de cores e formas, sem as prisões dos limites. Como rebelde por profissão e escolha, a "Escola" era como um código contra sua absoluta liberdade e disciplina.

Deixou uma obra que não me canso de admirar, diante da qual estou, com a consternação imaginável de quem foi amigo, e, declarado por ele, irmão, no que se juntou a Zé Luiz Paes Nunes, meu outro irmão fora da família, mas habitante permanente de meu coração.

Estou aqui, só – e quanto estou só- ainda diante de seus quadros, os quadros que comprei para ter o autor sempre diante de meus olhos e de minha alma amadora dos bons e de seus bens.

Não consigo fugir de um episódio de nossa mais próxima convivência. Um dia, acordei com uma história fixa na cabeça e uma

decisão em meus bolsos, naquele instante, mais fornidos que de costume. Mandei o "Itálico" pra Europa, para que ele visse com seus próprios olhos a fonte de seus delírios e as razões de seu saber. Ele orbitou por 40 dias, revezando um Calvados antiinverno com o périplo por museus e exposições, acrescidos por estágios em casa de Feyer, seu colega, em intermináveis e, também, inconciliáveis discussões que não levavam a nada, exceto ao sono tumular que os conduziria, junto com Sacilloto, para outro dia, quase igual.

Deixou obra importante e outras obras de importância menor, a que nós compomos, todos apaixonados por sua figura e admiradores de seu acervo, cinco deles meus, para minha emoção e para cuidar de minhas saudades, que são muitas e verdadeiras. Daqui a pouco, a gente se vê, Itálico.

instituto de arte contemporânea